

M8: QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA E O RACISMO ESCANCARADO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Sheila Cristina Silva Aragão Caetano

Faculdade Zumbi dos Palmares e Trace Brasil

1. INTRODUÇÃO

Apesar de o Brasil ter sido o último país do continente americano a oficialmente abolir o regime escravocrata, temos hoje uma imagem de que aqui não havia racismo. Isso se deu pelo país ter sua origem fundada na miscigenação e pelo escritor Gilberto Freyre ter forjado a ideia de que vivíamos em perfeita harmonia e igualdade, e por isso em uma democracia racial, em seu livro *Casa-grande & senzala*, de 1933.

Essa imagem funcionou tanto, que internacionalmente o Brasil pode até ser visto como evoluído, uma vez que não era praticado o *apartheid* sul-africano nem o regime segregacionista norte-americano.

Não obstante, os brasileiros acreditavam piamente que essa democracia era praticada e, mesmo que houvesse, assim como ainda há, entradas e elevadores de serviço e social e a exigência de boa aparência (o que era sinônimo de não negro) numa busca de emprego, independentemente da maioria numérica, não era e ainda não é possível encontrar pessoas negras ocupando todos os espaços sociais.

Isso acaba acontecendo por inúmeros fatores, em especial porque, após 13 de maio de 1888, ao invés de os ex-escravizados serem incluídos socialmente, eles foram cada vez mais excluídos. Foram criadas leis e proibições que proporcionavam essa exclusão, como a lei da vadiagem, que surge em 1824 e é renovada em 1890 e outras vezes ao longo do século XX, e a proibição da prática da capoeira, do samba e das religiões de matrizes africanas, que foram criminalizadas.

Há ainda o incentivo à prática da eugenia na educação, na Constituição de 1934, o que implica, de acordo com Maciel (1999), a promoção da raça superior, a ariana, considerando, com isso, degenerada a mistura de raças. No Brasil havia a promoção do branqueamento da população e se acreditava que com o passar dos anos os povos originários e as populações negras seriam eliminadas da sociedade.

Apesar de terem sido inúmeras as leis que acabam por excluir socialmente as populações negras, após a criação da Lei Afonso Arinos, em 1951, a primeira a

estabelecer que a prática de preconceito é crime, houve muitas outras que visavam proteger as pessoas negras. Porém, na prática essas leis acabam não se valendo em virtude do racismo estrutural, que, por ser tão normatizado, muitas vezes passa despercebido.

Este artigo visa problematizar o racismo na sociedade brasileira por meio da análise do filme *M8: Quando a morte socorre a vida*, fazendo uso do viés metodológico de Silvío de Almeida (2018) e Adilson Moreira (2019).

2. ANÁLISE DO FILME

O filme *M8: Quando a morte socorre a vida*, que será referido posteriormente quando necessário apenas pela abreviação *M8*, tem direção de Jeferson De, foi lançado em 2019 e se passa na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

O mote principal do filme é mostrar a grande mortalidade de jovens negros no Rio de Janeiro. São jovens que se tornam desaparecidos para as famílias, têm seus corpos utilizados por uma faculdade de Medicina e são enterrados como desconhecidos. O personagem principal é Maurício, um jovem negro periférico que passa no vestibular de Medicina e começa a ocupar um lugar de privilégio branco, ou seja, um espaço que não é destinado a pessoas negras, gerando um estranhamento social.

Além da história de Maurício, o filme mostra todas as problematizações que o racismo acarreta socioeconômica e culturalmente para as pessoas negras no Brasil e que, de forma geral, costumam passar “desapercebidas”.

O trabalho de Coelho e Cerqueira (2017) evidencia como o número de mortes de pessoas negras é bem maior que o de pessoas brancas na cidade do Rio de Janeiro, conforme aponta a tabela a seguir. E esse fato corrobora a teoria do filme sobre a morte de corpos negros.

Tabela 1. Taxa de homicídio por 100 mil.

Região	Não		
	Todos	Negros	Negros
Bangu	62,74	78,152	38,18
Barra da Tijuca	17,96	37,48	10,97
Campo Grande	90,94	96,57	82,64
Centro	76,2	98,4	51,91

Guaratiba	86,67	112,01	50,12
Ilha do Governador	22,18	38,6	9,31
Inhaúma	57,84	71,31	39,71
Jacarepaguá	41,23	52,21	30,85
Madureira	80,76	98,32	61,42
Meier	41,15	63,51	22,07
Pavuna	108,71	121,2	88,38
Penha	46,69	73,06	14,96
Ramos	72,2	93,82	44,98
Santa Cruz	84,62	96,9	60,25
Tijuca	24,49	36,14	19,87
Zona Sul	18,98	36,85	13,18
Todos	63,35	86,75	39,88

Fonte: Coelho e Cerqueira (2017).

Da mesma forma, a matéria de Acabaya e Arcoverde (2021) para o portal G1 se baseia em dados recentes do Atlas da Violência, pontuando que, no Brasil, pessoas negras têm 77% mais chance de serem vítimas de homicídios, assim, a chance de uma pessoa negra ser assassinada no Brasil é 2,6 vezes maior do que a de uma pessoa branca. Evidenciando, desse modo, como é factível que a população negra no Brasil sofra de violência contra a própria vida.

Entretanto, quando pensamos no país de forma geral, esse tipo de notícia não tem tanta repercussão por conta do racismo estrutural que normatiza a prática de atitudes racistas no cotidiano, desumanizando essa parte da população. Porém, quando se assiste à película M8, que demonstra em inúmeros trechos a problematização do racismo, fica mais fácil perceber que na prática o racismo no Brasil é escancarado.

Vejamos, por exemplo, um trecho do meio para o fim do filme, em que Maurício é parado sem real motivo pela polícia¹ e é atacado violentamente apenas por estar andando à noite na região nobre da zona sul carioca. Nesse momento, se seus amigos médicos não estivessem por perto, ele poderia ter acabado injustamente na prisão ou mesmo morto (conforme o personagem policial sinaliza ao rapaz). Assim, talvez entrasse para a

¹ Um policial branco e outro negro.

estatística, segundo Garcia (2018), de jovens negros que são mortos no Brasil: a cada 23 minutos um jovem negro é morto no país.

Podemos citar ainda, baseado em Lazzaeri (2018), a estatística de desaparecimentos, que é o foco principal do filme: os corpos negros “desconhecidos” utilizados para o ensino na faculdade de Medicina e as constantes aparições do grupo de mães que protestam para encontrarem seus filhos desaparecidos refletem um movimento real da cidade do Rio de Janeiro.

Porém, quando se pensa nesse filme como um todo, mesmo sem um olhar crítico, é possível perceber que algo está errado. O racismo é mostrado pouco a pouco no filme, começa em detalhes e vai se intensificando.

Silvio de Almeida (2018) pontua o racismo como estrutural pois está na base da sociedade, ou seja, o racismo norteia a sociedade como um todo. Mas e o que seria o racismo em si? É importante começar dizendo que preconceito é literalmente ter o conceito de algo antes de ter tido contato com ele. Assim, podemos ter preconceito de qualquer coisa, o que nos está no plano das ideias; quando essas ideias são transformadas em ações, falamos em discriminação. Por exemplo, quando evitamos uma pessoa ou a tratamos mal por conta dos amigos dela, ou pela religião que pratica ou ainda por algo que outra pessoa nos diz.

Mas a discriminação pode levar inclusive a morte, espancamento, entre outros. Quando temos um grupo que sistematicamente sofre preconceito e discriminação e com isso é lesado, ou seja, sofre perdas sociais, culturais, econômicas e históricas, chamamos de racismo. É o que acontece com as pessoas negras no Brasil, que não têm oportunidades iguais, que são alvo da polícia, que não têm o mesmo acesso a educação, moradia e saúde.

A priori, o racismo era considerado uma doença que afetava alguns indivíduos, contudo não existe um gene para isso; ele é praticado em instituições privadas e públicas, as quais refletem o passamento vigente da sociedade e, por isso, o racismo está na estrutura, ele é estrutural (Almeida, 2018).

As instituições são formadas por grupos de poder que favorecem sistematicamente seu grupo com privilégios para que eles continuem no poder. Por exemplo, uma empresa que só contrata pessoas que fizeram intercâmbio e estudaram em faculdades de elite e falam inglês fluentemente. Todos esses acessos, de maneira geral, não são possíveis ou facilitados para pessoas negras que ficaram no lastro de pobreza e subalternidade.

Assim, pessoas negras que ocupam espaços sociais majoritariamente brancos são a exceção e não a regra. E por serem a minoria, dificilmente podem fazer mudanças

efetivas, isso foi o que aconteceu quando tivemos um ministro do Supremo Tribunal de Justiça negro, caso de Joaquim Barbosa.

Em outra cena do filme, Maurício visita a casa da amiga e ficante² que cursa medicina com ele, a Suzana. O porteiro do prédio, negro, pensa que ela está sendo assaltada ou sequestrada e olha torto para Maurício. Dentro do apartamento, a empregada doméstica negra tem certa estranheza em servir uma pessoa negra, e, por fim, a mãe de Suzana, Carlota, diz que sua filha tem sangue de médico, já que o avô foi médico e pergunta por que ele escolheu essa profissão.

Responder que sua mãe Maria Aparecida era auxiliar de enfermagem e o inspirou a fazer Medicina foi um absurdo para Carlota, que ainda pensa que ele não teria capacidade, recursos e tempo para se preparar para entrar num vestibular tão concorrido, além de dar a entender que pessoas negras não teriam capacidade intelectual para ocupar esse espaço.

Dessa forma, o fato de pessoas brancas terem esse pensamento prévio e agirem na constância pensando que pessoas negras ou são subalternas ou são criminosas é denotativo do racismo estrutural. Outro ponto é a presença constante de subalternos negros que são socialmente treinados para verem seus pares negros ou como subalternos ou como criminosos, e que assim não permitem a si próprios sonharem.

Esse cenário é um estigma na perspectiva de Adilson Moreira (2019, p. 62), “uma característica a partir da qual uma pessoa ou um grupo de pessoas sofrem desvantagens sistemáticas”, por meio da edificação de identidades sociais com caráter subalternizado, que acabam por impedir que o grupo tenha acessos socioeconômico e culturais, que geram exclusão social e acabam por confirmar que efetivamente o grupo “merece” ser depreciado. Essa limitação que as pessoas negras internalizam mexe muito com a autoestima, como acontece nessa passagem com o porteiro e a empregada doméstica.

Outro aspecto que Carlota evidencia é a sexualização de pessoas negras, achando que a filha teria curiosidade de experimentar algo diferente do mundo dela e tido como “mais potente” e também inadequado para se ter envolvimento amoroso e formar família. Esse é um estereótipo tanto de homens quanto de mulheres negras, contudo as mulheres negras são hipersexualizadas e objetos de desejo, literalmente uma posse física e não propriamente um ser humano com subjetividades.

² Ter um relacionamento casual com alguém sem o vínculo do compromisso.

Os estereótipos são uma forma de controle e generalização de defeitos sociais pela perspectiva de Moreira (2019), então, quando pessoas negras são tidas e vistas como sem moral, sem inteligência, como objetos sexuais, como inferiores, feias e criminosas, elas perdem sua humanidade e a possibilidade de ser. De acordo com a perspectiva de Hall (2016), só compartilham a mesma cultura quem tem as mesmas vivências, desse modo, as pessoas não negras acabam, apesar de serem tão brasileiras quanto as negras, não partilhando dos mesmos hábitos culturais, tornando ainda pior o problema da falta de humanização para com as populações negras.

Voltando à questão do estereótipo da sexualização desse grupo, que acarreta a solidão afetiva, ele vindo sendo reproduzido na literatura, vide os personagens Dona Anastácia e Tio Barnabé, do higienista Monteiro Lobato, que se tornou atração de televisão, seguindo os mesmos moldes. Ou mesmo séries de TV como *Sexo e as Negas* (2014), ou tantas novelas como *Avenida Brasil*, em que a personagem Zezé não possui nenhum vínculo familiar, desejo de mudar de vida/sonhos, é caricata e sem profundidade. Esses personagens ajudam na reprodução de estereótipos, sendo que:

Os grupos majoritários reproduzem estereótipo com o propósito de moldar a percepção da realidade social a partir de certa perspectiva. Por esse motivo, estereótipos são sempre usados para manutenção de processos de estratificação porque perpetuam as desvantagens que afetam grupos minoritários e reforçam o status de privilegiado dos grupos dominantes (Moreira, 2019, p. 60).

De forma geral, essa cena entre Maurício e Carlota gera um estranhamento pelo fato de Maurício não “aceitar” como válida a opinião dela, possibilitando, assim, que tanto pessoas negras quanto não negras possam pensar a respeito da atitude desses dois personagens.

Um personagem que personifica tanto o racismo estrutural quanto o recreativo é o colega de classe de Maurício, o Gustavo. Logo no início do filme, no começo do curso de Medicina, apesar de Maurício usar jaleco e inclusive ter assistido a aula com ele, Gustavo pensa e o trata como se ele trabalhasse na instituição. Pelo fato de o colega ser negro, Gustavo considera que a única forma de ele ocupar aquele espaço é por meio da subalternidade, demorando a perceber que é tão estudante quanto ele naquele espaço. Esse é um traço do racismo estrutural, porém em outros momentos ele faz piadas e coloca Maurício em desconforto por sua capacidade cognitiva, sempre se desculpando, mas se valendo da brincadeira como escudo para poder praticar suas atitudes racistas. Inclusive, Gustavo pensa que Maurício não seria digno de ser ficante de Suzana, mas que ele

próprio, sim, seria compatível com a personagem para desenvolver qualquer tipo de enlace amoroso.

Moreira (2019) pontua que fazer com que pessoas negras se sintam pequenas para enaltecimento próprio faz bem ao ego de pessoas brancas, além de fortalecer os espaços de privilégio branco, dando a esse grupo cada vez mais poder social, cultural e econômico, uma vez que escancaram os inúmeros desajustes forjados de pessoas negras.

O racismo recreativo carrega esse tom jocoso, sobre o qual Moreira (2019) discorre dizendo como o humor é construído em cima de uma psicologia social, desencadeando processos cognitivos e uma dimensão emocional. Assim, a forma mais comum de praticar humor é pelas teorias de superioridade, em que grupos/indivíduos vistos como marginalizados são colocados em situações ridicularizadas. Fazer piadas também pode acontecer para proporcionar prazer psíquico e se tornar uma forma de aliviar agressividade sem ser diretamente agressivo.

Com esses ingredientes é possível chegar ao humor racista, ao racismo recreativo, que, para Anderson (em Moreira, 2019), possui as seguintes características:

- se baseia na reprodução de defeitos morais de um grupo, para que eles sejam ridicularizados;
- reproduz estereótipos negativos de grupos minoritários;
- ocasiona deteriorações psicológicas e sociais nos alvos das piadas;
- tem a ver com o contexto cultural;
- serve para manter a imagem marginalizada e subalternizada de grupos socialmente minoritários;
- garante satisfação psicológica para o grupo que está no poder.

Assim, quando Gustavo usa de humor racista com Maurício, ele busca legitimar seu poder social, ou seja, o poder social de seu grupo dominante; consegue satisfação psicológica; satiriza as pessoas negras de forma geral; causa a permanência sociocultural de estereótipos inferiores para as populações negras, e em especial para Maurício; além de abalar psicologicamente a mente de Maurício.

No filme, uma personagem que tenta fugir à regra de praticar o racismo é Suzana. Podemos pensar nela como uma pessoa que se diz “aliada” da pauta da negritude, mas que ainda tem muito a desconstruir de suas atitudes e seus pensamentos. De forma geral, Suzana é aberta a ter tanto o vínculo amistoso quanto afetivo com Maurício, tentando incluí-lo na classe e em atividades. Porém, ela tem medo de andar de carro nas regiões

mais afastadas da cidade do Rio e acha que isso é normal, nas comunidades; não tem empatia logo de cara com o movimento das mães de filhos desaparecidos; não consegue entender assertivamente os problemas de raça e classe que Maurício passa e, assim, a dificuldade de dar apoio efetivo, e defende as atitudes da mãe, Carlota, para com o rapaz, pontuando que é algo normal para alguém da idade dela e que, por isso, seu comportamento não é errado nem precisa ser mudado.

Além do personagem de Maurício que é negro, o filme traz sua mãe Cida, uma vizinha, dois profissionais da limpeza da faculdade (Sinvaldo e Sá), o grupo de mães com filhos desaparecidos e a secretária Iza.

Sua mãe recebe uma atenção mais central no filme, em seu fim, demonstrando a força de vontade que ela precisou ter para vencer a barreira da situação de pobreza para fazer o curso de enfermagem, suas dificuldades ao longo de seu trajeto, uma vez que em sua época era ainda mais difícil (para não dizer inacessível), e todo o racismo que sofreu, para mostrar para Maurício que ela sabe muito bem o que ele está passando e que ele não está sozinho, e precisa continuar sua jornada, independentemente de todas as violências do racismo em seu cotidiano.

No ambiente da faculdade, tanto Sinvaldo, quanto Sá e Iza, servem de apoio, incentivo e dão conselhos para que ele possa continuar sua jornada na medicina e também desvendar o mistério do corpo M8, para que ele assim possa ter a mente mais tranquila e a família de M8 receba algum tipo de acalento.

A mente de Maurício é perturbada na faculdade, porque apenas corpos negros chegam sem identificação para serem estudados na mesa pelo bisturi dos estudantes, e ele começa a achar isso errado, além de se ver constantemente na mesa no lugar do corpo M8, que era objeto de estudo de seu grupo na faculdade.

Esse desconforto, junto com a percepção de um movimento grande de mães que protestam no centro da cidade por seus filhos desaparecidos, fez com que ele questionasse cada vez mais a faculdade sobre como são obtidos esses corpos. Na passagem em que ele sofre violência policial, fica explícito que efetivamente, se algo desse errado, o corpo dele poderia de fato aparecer na mesa da faculdade no futuro para ser analisado pelos estudantes de medicina e sua mãe Cida provavelmente nunca mais saberia de seu paradeiro. Além, é claro, de saber que tantas famílias terão seus entes queridos enterrados de forma impessoal como indigentes e, assim, nunca terão um fechamento para suas dores.

3. CANDOMBLÉ NO BRASIL

Outro aspecto que o filme aborda como pano de fundo, em alguns momentos, é a prática do Candomblé, uma religião de matriz africana praticada por Cida e Maurício. Esse é um ponto importante, uma vez que há, no Brasil, forte intolerância religiosa e falta de respeito. Assim, muitas vezes, o Candomblé nem é visto como uma religião, mas como uma deformidade ou mesmo algo ruim.

Segundo Verger (2018), o Candomblé é uma forma generalizada no Brasil de denominar as religiões de matrizes africanas, embora estas sejam variadas e dependam da origem étnicocultural de cada grupo advindo do continente africano. Como a prática de religiões, com exceção do catolicismo, era proibida, era complicado ter assertividade no início das práticas das religiões de matrizes africanas no país. Entretanto, de acordo com Verger (2018) e Ferretti (2016), existem alguns relatos pontuais sobre práticas com datas espaçadas ao longo do século XIX na Bahia e no Maranhão. O Candomblé foi trazido pelos escravizados africanos e era pontualmente praticado em algumas irmandades negras católicas e é mais bem delineado ao longo do século XIX (Verger, 2018).

Após o Brasil se constituir como República em 1890 foi elaborada uma legislação, cujo Decreto 847 penalizava qualquer tipo de espiritismo:

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:
Penas - de prisão cellualar por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000 (BRASIL, 1890).

Além disso, foram proibidas outras práticas culturais africanas como a capoeira e o samba. Contudo, o artigo 5 da Constituição brasileira de 1924 delimitava a religião católica como oficial, mas, apesar de ser permitida a prática de outras religiões em espaço privado, ainda eram criminalizadas, o que foi oficializado no decreto 847. Ao longo do século XX, foram desenvolvidas algumas leis que visavam à proteção das práticas das religiões de matrizes africanas, que culmina com a Constituição de 1888, que garante por lei a prática de qualquer religião no Brasil. Em janeiro de 1989, em função da aprovação da Lei n. 7.716, é criminalizada a intolerância religiosa.

Porém, independente da proteção legislativa e de ações punitivas, as religiões de matrizes africanas seguiram sendo demonizadas, ainda que em suas práticas não exista a dicotomia entre céu e inferno nem diferença entre bem e mal. Essas religiões são baseadas

na natureza e nos Orixás, que são entidades de poder e cada qual está associado a questões e poderes da natureza, como Yemanjá ao mar, e Oxóssi à mata. Pessoas que se dizem cristãs cismam em pontuar que a entidade Exu é o diabo, contudo não existem céu e inferno nesse tipo de religião, e Exu é apenas um dos Orixás.

Figura 1. Cena do filme *M8* em que Cida está em um terreiro de Candomblé



Fonte: <http://terrannerdica.com.br/index.php/2020/11/28/m8-quando-a-morte-socorre-a-vida-com-spoilers/>

Figura 2. Cena do filme *M8* em que Maurício come usando um contra egum



Fonte: <https://audienciadatv.net/resenha-critica/critica-m8-quando-a-morte-socorre-a-vida-2020/>

Por isso, em diversos momentos do filme é de extrema importância a prática dessa religião (Figura 1), bem como o uso de contra eguns (Figura 2), auxiliando, assim, a legitimar a aceitação dessa prática como qualquer outra prática religiosa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *M8* discute e problematiza, do começo ao fim, o racismo no Brasil, como pano de fundo da história. Ele narra desde os desconfortos e violências diversas que Maurício sofre, como mostrando diversas pessoas negras ocupando espaços subalternos, quanto a mensagem principal de justiça para seus filhos, de um fechamento para suas histórias, que inúmeras mães querem. Elas querem ver o corpo de seus filhos e poder dar um fim digno para a angústia que é ter seus filhos desaparecidos, que, na prática, se traduz como sinônimo de mortos pelo sistema.

O filme é importante para contextualizar esse problema social na sociedade brasileira, mas que acaba sendo ignorado, assim como mostrar a segregação e a dor que pessoas negras vivem e acabam sendo silenciadas. Então, quando são feitas ações afirmativas que servem para reparo, para inclusão de um grupo que é sistematicamente excluído, pessoas brancas acham que isso seria a segregação, até porque, se ou quando as ações afirmativas funcionarem efetivamente no Brasil, as pessoas brancas perderiam ou ao menos teriam diminuídos seus privilégios.

Enquanto isso, ainda temos Kethlens, Marieles, Amarildos, Agatas, Miguéis e tantas outras crianças, jovens e adultos negros sendo mortos, sem que haja punição. Afinal, quem está a frente das delegacias, dos tribunais e tantos outros espaços de poder acaba por não considerar errado (racismo institucional) que pessoas negras sejam mortas sem motivos ou simplesmente por existirem, acham que isso não é racismo. Enquanto em um ano os Estados Unidos puniram o policial que matou asfixiado George Floyd, os militares que atiraram 80 vezes de fuzil no músico negro Evaldo Rosa Santos seguem livres e com a justificativa de que foi por engano, sem contar todos os outros casos.

Apesar do filme enfatizar o racismo escancarado, ele incentiva que pessoas negras possam ocupar outros espaços, incentivadas pela história de Maurício, de sua mãe Cida e de Iza. O filme ainda termina com a música “Ponta de Lança (verso livre)” do rapper Rincon Sapiência (2017), que, dentre outras, coisas diz: “Faço questão de botar no meu texto/Que pretas e pretos estão se amando”.

BIBLIOGRAFIA

- ACAYABA, C. e ARCOVERDE, L. (8 de agosto de 2021). Negros têm mais do que o dobro de chance de serem assassinados no Brasil, diz Atlas; grupo representa 77% das vítimas de homicídio. *G1*. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml>.
- ALMEIDA, S. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- BRASIL. Constituição Política do Imperio do Brazil, de 25 de março de 1824. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm.
- BRASIL. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>.
- BRASIL. Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm.
- CERQUEIRA, D. e COELHO, D. S. C. (2017). Democracia racial e homicídios de jovens negros na cidade partida. Ipea. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/111/democracia-racial-e-homicidios-de-jovens-negros-na-cidade-partida>.
- HALL, S. (2016). *Cultura e representação*. PUC-Rio.
- GARCIA, M. F. (20 de fevereiro de 2018). *Genocídio?* A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no país. Observatório. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/genocidio-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-pais/>.
- FERRETTI, S. F. (2016). Casa das minas e casa de nagô: história do tambor de mina do MARANHÃO EM V. COSTA e F. GOMES (Org.), *Religiões negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação*. Selo Negro.
- LAZZAERI, T. (2018). Com 500 pessoas desaparecidas por mês, Rio faz mapeamento inédito. *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/com-500-pessoas-desaparecidas-por-mes-rio-faz-mapeamento-inedito/>.
- MACIEL, M. E. de S. (1999). A eugenia no Brasil em *Anos 90* (n. 11). <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1>.
- MOREIRA, A. (2019). *Racismo recreativo*. Sueli Carneiro; Pólen.
- SAPIÊNCIA, R. *Ponta de lança* (verso livre), 2017. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rincon-sapiencia/ponta-de-lanca-verso-livre/>.
- VERGER, P. (2018). *Orixás: deuses iorubas na África e no mundo novo* (Trad. M. A. da Nóbrega). Fundação Pierre Verger.